

## PLACEMAKING: produção, gestão e usos dos espaços livres públicos

SOUSA, C A HUMARA A.  
Universidade Federal do Amapá – UNIFAP  
Rod. Juscelino Kubitschek, 3296-3364 - Jardim Equatorial, Macapá - AP, 68903-419  
E-mail: humaraaraujo@gmail.com

### RESUMO

Observando a quantidade de espaços livres públicos pouco ou não utilizados, e a carência da sociedade em relação a lugares de lazer onde seja facilitado a sua convivência, o tema da pesquisa foi escolhido. Este artigo tem como objetivo mostrar como o placemaking é importante na melhoria da produção, gestão e usos dos espaços livres públicos, principalmente no que diz respeito a importância da comunidade dentro do processo de planejamento urbano para as áreas do seu entorno imediato. Realizou-se uma pesquisa qualitativa bibliográfica, visando analisar os conteúdos já existentes na bibliografia. Concluiu-se que a sociedade tem um papel fundamental na produção e no sucesso dos espaços livres públicos, já que os mesmos são construídos e destinados à ela, e que de forma constante, a mesma deve ser ouvida e entendida como a real especialista da área.

**Palavras-chave:** Placemaking; Comunidade; Espaços livres públicos; Gestão de cidades; Desenvolvimento urbano.

### Introdução

O presente trabalho tem como tema o Placemaking e a produção, gestão e usos dos espaços livres públicos, mostrando a importância da comunidade dentro destes processos.

O tema da pesquisa foi escolhido devido a observação da quantidade de espaços livres públicos, pouco ou não utilizados, e a carência da sociedade em relação a lugares de lazer onde seja facilitado a convivência em comunidade e logo, facilitada a organização da mesma.

Neste contexto, o presente trabalho tem como objetivo mostrar como o placemaking é importante na melhoria da produção, gestão e usos dos espaços livres públicos. Principalmente no que diz respeito a importância da comunidade dentro do processo de planejamento urbano para as áreas do seu entorno imediato.

## Desenvolvimento

Logo se vê que o planejamento urbano e de reurbanização de uma cidade/área não é nada fácil. É necessária ampla análise para entender como a cidade funciona e quais são as necessidades fundamentais da comunidade que nela habita. Segundo Jacobs (2000), não perceber a vivacidade que as ruas, calçadas e demais espaços livres urbanos apresentam e sua enorme função social, econômica e cultural, é um retrocesso gigantesco.

Para iniciarmos este debate, se faz necessário deixar claro a definição adotada para dois pontos-chaves dos conceitos trazidos neste artigo: Espaços Livres Públicos e o Placemaking. Começando pela definição adotada dos espaços livres públicos, segundo Barcellos (1999), espaço livre “é entendido, como todo espaço não ocupado de volume das edificações destinadas ao abrigo das atividades humanas” (BARCELLOS 1999, p. 34). Já os espaços públicos são “zonas do entorno humano em que o encontro entre os membros de uma comunidade se dá de forma indiscriminada, mas sob o controle de ordem geral, como é o caso das praças públicas, as feiras, os centros de serviços entre outros”. (SCHJETNAN, 2008, p.13, tradução da autora). Logo, o espaço livre público se caracteriza como fundamental para a vida nas cidades, é o local que a sociedade em geral pode usufruir, o que possibilita uma válvula de escape para o cotidiano estressante dos meios urbanos.

Sabendo disso, como a produção e a gestão dos espaços livres públicos poderiam envolver mais a comunidade, que de fato, utilizará esse espaço?

Respondendo a este questionamento, trazemos o segundo conceito a ser definido, o Placemaking. O termo Placemaking pode ser entendido na língua portuguesa como “fazendo lugares”. Esses “lugares” em questão são os espaços livres públicos estimuladores de interação entre a comunidade e ela mesma e a comunidade e a cidade, ocasionando ambientes proporcionadores de saúde e prazer.

De acordo com Tavares (2014), o placemaking é um processo de planejamento, criação e gestão de espaços públicos que existe como forma de encorajar uma maior interação dentro das comunidades. O mesmo age revitalizando espaços públicos, os transformando em ambientes mais agradáveis sujeitos a maior utilização pela sociedade.

Dessa forma, a comunidade estaria diretamente ligada ao planejamento

e a produção de lugares para o seu convívio e lazer, de maneira que isso a manteria unida por um bem maior. Está participação tende a originar um sentimento de reconhecimento e pertencimento ao lugar (sentido de lugar) trazendo consigo os cuidados necessários para a manutenção do mesmo, moldando em conjunto um ambiente de todos, dando voz aos quereres da comunidade. Abrangendo planejamento, desenho, gestão e programações (culturais, econômicas, sociais, ambientais) para esses espaços.

Segundo Jacobs (2000), os espaços livres públicos são os órgãos vitais de uma cidade, já que é neles que a integração e convivência da sociedade acontece, sendo a sociedade a atriz principal do uso e ocupação destes. Como sabemos, essa integração traz consigo diversos conflitos -positivos e negativos- que dificultam ou não a vivência da cidade com o cidadão.

Jacobs (2000), afirma que o contato social transmite vivacidade aos sistemas de espaços livres, sendo assim, o mesmo deve ser estimulado através de artifícios estruturais. Lembrando sempre que as pessoas que habitam determinadas ruas e calçadas fazem parte de um bairro, e logo, de uma cidade. As relações precisam ser macras, tendo compromisso com as causas e representando bem cada comunidade, derrubando as barreiras invisíveis criadas pela própria sociedade.

Percebe-se que o placemaking e o senso de lugar, trazido pela comunidade, são fundamentais tanto para os projetos de planejamento urbano, de maneira que é fundamental que haja vitalidade em espaços públicos. Deixando claro que não se precisa “ativar” um lugar que deu certo, logo, esse intercâmbio de ideias entre gestores, técnicos e comunidade é fundamental desde o início do processo de planejamento.

Então, o que diferencia um espaço livre público de sucesso? Segundo Heemann (2013), os espaços públicos bem sucedidos têm essas quatro qualidades fundamentais: acessibilidade, atividade, conforto e sociabilidade. Ou seja, a comunidade em geral deve ter condições de acesso a ele, o mesmo deve oferecer diferentes tipos de atividades e espaços para que existam diferentes formas de permanência oferecendo infraestrutura e atratividade para que as pessoas possam se reunir neste local.

Quesitos como segurança, conforto, limpeza e beleza são fundamentais para a sociabilidade dos lugares. Segundo Heemann (2013), essa sociabilidade é um dos pontos-chaves de qualquer espaço público bem sucedido, e ela é

caracterizada pela familiaridade das pessoas em relação ao lugar e ao público que o frequenta. O sentido de lugar refere-se exatamente ao que o espaço tem de único e não replicável, onde o técnico tem a obrigação de entender os usuários da área, como eles a utilizam e qual a diferença de cada comunidade, traduzindo então esses aspectos em projetos urbanos úteis e permanentes. Mas para que os lugares continuem ativos por bastante tempo, o desenho urbano é fundamental. Tentar ativar permanentemente uma área desconectada da malha urbana é muito mais complicado do que trazer vida para um espaço que faz parte dos caminhos urbanos diários.

### Conclusão

Pôde-se concluir que a relação entre a comunidade e os espaços públicos é cíclica, interdependente e fundamental para o desenvolvimento destas áreas. Percebeu-se que o processo de placemaking é a resposta para os problemas relacionados desde a falta de planejamento adequado para os espaços livres públicos, quanto para o problema de abandono e descaso que comumente afetam essas áreas. Sabe-se que um processo de placemaking bem sucedido é capaz de reativar espaços, promovendo saúde, bem-estar e vida para as comunidades.

Fica claro que a sociedade precisa ser ouvida, constantemente, pelos setores de planejamento das cidades, já que ninguém melhor do que a mesma conhece e utiliza a área, estando assim, apta a oferecer soluções e ideias para se evitar e reverter problemas que a atingem diretamente, como é o caso da falta de qualidade dos espaços livres públicos.

### Referencias

- BARCELOS, Vicente. Os parques como espaços livres Públicos de lazer: o caso de Brasília, Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. SP, 1999.
- HEEMANN, Jeniffer. Como avaliar a programação do espaço, 2013. Disponível em: <http://www.placemaking.org.br/home/o-que-faz-um-espaco-publico-ser-bemsucedido/> Acesso em: 14 de abr. 2017.
- JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. Editora Martins Fontes São Paulo, 2000.
- SCHJETNAN, Mario; PENICHE, Manuel; CALVILLO, Jorge. Principios de Diseño urbano/Ambiental. Editora Limusa. Mexico, 2008.
- TAVARES, Silvia. Placemaking, urbanismo e o futuro dos espaços públicos, 2014. Disponível em: <http://www.placemaking.org.br/home/>. Acesso em: 12 de abr. 2017